



COLEÇÃO MIR

KaLiNKa



Aleksandr Kuprin

O ELEFANTE

Tradução do russo Tatiana Larkina

TÍTULO	O elefante
TÍTULO ORIGINAL	<i>Slon</i>
AUTOR	Aleksandr Kuprin
TRADUÇÃO do RUSSO	Tatiana Larkina
COTEJO	Daniela Mountian
REVISÃO	Luca Jinkings Monteiro da Silva
REVISÃO	Luiza Brandino
REVISÃO	Paulo Henrique Pompermaier
CAPA e PROJETO GRÁFICO	Daniela Mountian
ÁUDIO	Tatiana Larkina
EDIÇÃO	Kalinka
PRODUÇÃO EXECUTIVA	Hedra
FORMATO	14 x 19 cm
NÚMERO de PÁGINAS	64
ISBN	978-85-61096-11-3

Copyright © Kalinka, 2018

Tradução © Tatiana Larkina, 2018

primeira edição, 2018

São Paulo, SP, Brasil

Essa publicação está de acordo com a reforma ortográfica.

A tradução baseou-se em A. I. Kuprin. *Ízbrannye sotchinienia*.

Moscú, *Khudójestvennaia literatura*, 1985.

As notas de rodapé são da editora.

O áudio do conto (em russo) pode ser acessado pelo link:

<https://soundcloud.com/editorakalinka/elefante-kuprin>

hedra



Александр Куприн

СЛОН

SOBRE A OBRA

Além das narrativas que denunciavam mazelas e injustiças sociais, o renomado escritor russo Aleksandr Kuprin (1870-1938) deixou contos para jovens e crianças, ainda hoje lidos e reeditados, como *O poodle branco*, *Doutor milagroso* e *O elefante*.

Escrito em 1907, *O elefante* conta a tocante história de Nádia, uma menina de seis anos que adoece de tristeza e sonha conhecer um elefante, um de verdade... Eis que surge o brincalhão Tommy.

As descrições vivas e espirituosas de Tommy, habilidoso elefante de circo que fazia truques de todo tipo com sua tromba, vieram da vida aventureira do escritor. Com porte de atleta, Kuprin serviu no regimento imperial e conhecia a Rússia como ninguém. Voava de balão e foi um dos primeiros homens a mergulhar com o escafandro. Adorava circos — dizem que chegou a entrar numa jaula de leões e por pouco não foi atacado — e tinha amigos pitorescos: lutadores, domadores, cantores. Conhecia profundamente a paisagem russa e os animais e escrevia aventuras sobre eles para as crianças.

Com um tom otimista e cativante, Kuprin mostra com seu *Elefante* que milagres podem acontecer, mas não no outro mundo, e sim no contato com a natureza.

COLEÇÃO MIR

A Coleção Mir reúne edições bilíngues da prosa curta russa, contos e novelas, de escritores consagrados, como Fiódor Dostoiévski e Lev Tolstói, mas também de nomes menos conhecidos no Brasil, como Fiódor Sologub e Zinaída Guíppius. Cada livro também acompanha uma leitura do texto feita por um russo nativo — o áudio pode ser acessado pelo QR Code impresso na capa. *Mir*, em russo, significa "paz" e "mundo".



Маленькая девочка нездорова. Каждый день к ней ходит доктор Михаил Петрович, которого она знает уже давно-давно. А иногда он приводит с собою еще двух докторов, незнакомых. Они переворачивают девочку на спину и на живот, слушают что-то, приложив ухо к телу, оттягивают вниз нижнее веко и смотрят. При этом они как-то важно пощипывают, лица у них строгие, и говорят они между собою на непонятном языке.

8

Потом переходят из детской в гостиную, где их дожидается мама. Самый главный доктор – высокий, седой, в золотых очках – рассказывает ей о чем-то серьезно и долго. Дверь не закрыта, и девочке с ее кровати все видно и слышно. Многого она не понимает, но знает, что речь идет о ней. Мама глядит на доктора большими, усталыми, заплаканными глазами. Прощаясь, главный доктор говорит громко:

Uma menina estava doente. Todo dia ela recebia a visita do doutor Mikhail Petróvitch, que fazia muito tempo que conhecia. Às vezes, ele vinha acompanhado por dois médicos estranhos. Eles viravam a menina de costas e de braços, auscultavam aqui e ali, encostando o ouvido em seu corpo, puxavam sua pálpebra inferior para baixo e observavam. Com isso, eles bufavam, com importância, os rostos severos, e conversavam entre si numa língua incompreensível.

Depois, eles passavam do quarto para a sala de estar, onde a mãe os esperava. O doutor mais importante – alto, de cabelos grisalhos e óculos dourados – lhe falava longamente, com ar sério. Com a porta aberta, a menina podia ver e ouvir tudo de sua cama. Ela não compreendia muita coisa, mas sabia que estavam falando dela. A mãe escutava o médico fitando-o com os olhos grandes e cansados de tanto chorar. Uma vez, ao se despedir, o doutor mais importante disse em bom som:

– Главное, – не давайте ей скучать. Исполняйте все ее капризы.

– Ах, доктор, но она ничего не хочет!

– Ну, не знаю... вспомните, что ей нравилось раньше, до болезни. Игрушки... какие-нибудь лакомства...

– Нет, нет, доктор, она ничего не хочет...

– Ну, постарайтесь ее как-нибудь развлечь... Ну, хоть чем-нибудь... Даю вам честное слово, что если вам удастся ее рассмешить, развеселить, – то это будет лучшим лекарством. Поймите же, что ваша дочка больна равнодушием к жизни, и больше ничем... До свидания, сударыня!

2

– Милая Надя, милая моя девочка, – говорит мама, – не хочется ли тебе чего-нибудь?

– Нет, мама, ничего не хочется.

– Хочешь, я посажу к тебе на постельку всех

– O importante é não deixá-la entediada. Realizem qualquer capricho.

– Ah, doutor, é que ela não quer nada!

– Então, sei lá... Tentem se lembrar do que ela gostava antes de adoecer. Brinquedos... Doces...

– Mas, doutor, ela não quer...

– Bem, deem um jeito de animá-la... Com qualquer coisa... Dou minha palavra: se conseguirem fazê-la sorrir, alegrá-la, será o melhor remédio. Compreenda, a doença de sua filha é o desânimo com a vida, e nada mais... Passe bem, senhora!

11

2

– Nádía,¹ minha queridinha – disse a mãe –, não há nada que você queira?

– Não, mamãe, eu não quero nada.

– Quer que eu coloque suas bonecas aqui, em cima

1 Nádía é o diminutivo do nome Nadiejda, que em russo significa “esperança”.

твоих кукол. Мы поставим креслица, диван, столик и чайный прибор. Куклы будут пить чай и разговаривать о погоде и о здоровье своих детей.

– Спасибо, мама... Мне не хочется... Мне скучно...

– Ну, хорошо, моя девочка, не надо кукол. А может быть, позвать к тебе Катю или Женечку? Ты ведь их так любишь.

– Не надо, мама. Правда же, не надо. Я ничего, ничего не хочу. Мне так скучно!

– Хочешь, я тебе принесу шоколаду?

Но девочка не отвечает и смотрит в потолок неподвижными, невеселыми глазами. У нее ничего не болит и даже нет жару. Но она худеет и слабеет с каждым днем. Что бы с ней ни делали, ей все равно, и ничего ей не нужно. Так лежит она целые дни и целые ночи, тихая, печальная. Иногда она задремлет на полчаса, но и во сне ей видится что-то серое, длинное, скучное, как осенний дождик.

da cama? A gente podia pôr as poltroninhas, o sofá e a mesinha com o jogo de chá. As bonecas irão tomar chá e papear sobre o tempo e a saúde dos filhos...

– Obrigada, mamãe... Não estou com vontade... Estou aborrecida...

– Está bem, querida, deixe as bonecas para lá... E se a gente chamasse suas amigas, a Kátia ou a Jeninha? Você gostava tanto delas.

– Não precisa mamãe. De verdade... Não quero nada. Estou tão aborrecida!

– Quer que eu traga um chocolate?

Mas a menina não respondeu, fixando os olhos tristes no teto. Ela não sentia nenhuma dor, nem sequer tinha febre. A cada dia, porém, emagrecia e enfraquecia. Não importava o quanto se esforçassem, para ela era tudo igual, continuava sem nada desejar. Assim, dia após dia, ela ficava deitada, quieta e tristonha. Às vezes, ela cochilava por meia hora, mas só sonhava com algo cinzento, longo e monótono, como a chuva outonal.

14

Когда из детской отворена дверь в гостиную, а из гостиной дальше в кабинет, то девочка видит папу. Папа ходит быстро из угла в угол и все курит, курит. Иногда он приходит в детскую, садится на край постельки и тихо поглаживает Надины ноги. Потом вдруг встает и отходит к окну. Он что-то насвистывает, глядя на улицу, но плечи у него трясутся. Затем он торопливо прикладывает платок к одному глазу, к другому и, точно рассердись, уходит к себе в кабинет. Потом он опять бежит из угла в угол и все... курит, курит, курит... И кабинет от табачного дыма делается весь синий.

3

Но однажды утром девочка просыпается немного бодрее, чем всегда. Она что-то видела во сне, но никак не может вспомнить, что именно, и смотрит долго и внимательно в глаза матери.

Quando a porta de seu quarto se abria para a sala e a da sala para o gabinete, a menina conseguia ver seu pai. Ele andava depressa, de um lado para outro, fumando sem parar. De vez em quando, ele ia ao quarto de Nádía, sentava-se na beirada da cama e acariciava distraidamente os pés da filha. Mas logo se levantava de um salto e se aproximava da janela. Ele assoviava uma melodia qualquer espiando a rua, mas seus ombros tremiam. Então, apressava-se em encostar um lenço no canto dos olhos e, como se estivesse com raiva, disparava de volta para o gabinete. Lá, voltava a sua marcha acelerada, de um lado para outro, fumando e fumando... Era tanta a fumaça do tabaco que o ar do gabinete ficava todo azul.

15

3

Um dia, porém, a garotinha acordou um pouco mais animada do que o habitual. Ela tinha sonhando com algo, mas não conseguia lembrar direito o que era, e fitou atenta e demoradamente os olhos na mãe.

– Тебе что-нибудь нужно? – спрашивает мама.

Но девочка вдруг вспоминает свой сон и говорит шепотом, точно по секрету:

– Мама... а можно мне... слона? Только не того, который нарисован на картинке... Можно?

– Конечно, моя девочка, конечно, можно.

Она идет в кабинет и говорит папе, что девочка хочет слона. Папа тотчас же надевает пальто и шляпу и куда-то уезжает. Через полчаса он возвращается с дорогой, красивой игрушкой. Это большой серый слон, который сам качает голову и машет хвостом; на слоне красное седло, а на седле золотая палатка и в ней сидят трое маленьких человечков. Но девочка глядит на игрушку так же равнодушно, как на потолок и на стены, и говорит вяло:

– Нет. Это совсем не то. Я хотела настоящего, живого слона, а этот мертвый.

– Ты погляди только, Надя, – говорит папа. – Мы

– Precisa de algo, meu amor? – perguntou sua mãe.

Mas a menina, de repente, lembrou o sonho e sussurrou como se confessasse um segredo:

– Mamãe... Será que eu poderia ter... um elefante? Só que não aquele desenhado no livro... Posso?

– É claro, queridinha, claro que pode!

Sua mãe correu ao gabinete e contou ao pai da menina que esta queria um elefante. No mesmo instante, ele vestiu o casaco e o chapéu e saiu.

Passada meia hora, estava de volta com um lindo e caro brinquedo. Era um grande elefante cinza que sabia balançar a cabeça e abanar o rabo. Nas costas, havia uma sela vermelha e na sela uma pequena marquise dourada com três homenzinhos sentados embaixo. A menina, no entanto, olhou para o brinquedo como se olhasse para a parede e o teto, com o mesmo desânimo, e disse languidamente:

– Mas não é isso... Eu queria um elefante de verdade, um elefante vivo, e este está morto.

– Mas, olhe, Nádia – apressou-se o pai. – A gente